

DESNOTÍCIA E CENA ENUNCIATIVA: ENTRE O HUMORISMO E O JORNALISMO

Filipo Pires FIGUEIRA
Orientador: Prof. Dr. Sírio Possenti

Resumo: Parte de minha pesquisa de iniciação científica, este trabalho busca compreender a relação enunciativa entre as chamadas notícias tradicionais, ou factuais, e a produção humorística das desnotícias publicadas pelo blog *The Piauí Herald*. Fundamentada na teoria discursiva francesa de Maingueneau, analisamos a legitimação enunciativa das desnotícias, partindo do conceito de cena enunciativa. Em uma comparação estrutural entre os dois gêneros, é nossa hipótese que, usando como cenografia a cena enunciativa da notícia, a desnotícia subverte a vontade de verdade da notícia, e estabelece seus enunciados humorísticos como testes de inteligência para seus leitores, que devem perceber, ou não, os enunciados como falsos, e, conseqüentemente, como humorísticos.

Palavras-chave: Análise do discurso, desnotícia, cena enunciativa, humor, jornalismo.

Humor e jornalismo caminham juntos já há um bom tempo. Seja com o início do *new journalism* e do jornalismo gonzo¹, no fim da década de 60, começo de 70, nos Estados Unidos; seja de muito antes, já mesmo no jornalismo tradicional (*hard journalism*), com os (pequenos) espaços dedicados às anedotas, charges e tiras de história em quadrinho. Elias Saliba (2012), em uma incursão na produção humorística da *belle époque* brasileira e das décadas subsequentes, mostra como o riso nacional tem na comunicação social – abrangendo mais que apenas o jornalismo – parte de suas raízes e uma relação contínua de proximidade. Primeiro, com os folhetins, feitos por pequenas editoras, mas que recorriam ao campo jornalístico como fonte; depois, com os escritores/produtores, que dividiam seu tempo entre o jornalismo e o humorismo; e, por fim, com o desenvolvimento do campo radiofônico, em que programas humorísticos, educativos e jornalísticos dividiam as mesmas ondas.

1 Estilo de narrativa jornalística no qual o narrador abandona uma pretensão de objetividade e mistura-se à ação narrada.

2 Adiante no texto enunciaremos o termo desnotícia em geral, mas sempre referindo-se exclusivamente às desnotícias do blog *the Piauí Herald*, em específico.

Detendo-nos em nosso caso particular, as desnotícias do blog *the Piauí Herald*², essa imbricação entre imprensa e humorismo se torna muito mais fundamental, considerando que o blog onde são publicadas é parte do site da revista jornalística *Piauí*, e que os textos são formulações paródicas. Como já visto (FIGUEIRA, 2014), as desnotícias operam pela paródia de acontecimentos e, elemento que nos interessa em particular neste texto, do gênero discursivo “notícia” – característica marcada em seu próprio nome. Essa relação íntima e crucial torna turvo algo que pensamos, anteriormente, ser claro: com novas leituras (GERSON, 2014; SILVEIRA, 2013), percebemos que a caracterização das desnotícias como produção humorística ou jornalística, com propósito cômico ou informativo, não é consenso nas discussões sobre o tema. Será para esse debate que traremos novos elementos e novas perspectivas.

Como fundamento teórico de nossas análises, adotamos as teorias discursivas da escola francesa da Análise do Discurso (doravante, AD). Como observado anteriormente, as desnotícias operam seus enunciados paródicos através da *memória discursiva*, i.e., da capacidade de um discurso de circular, retomar, rejeitar ou transformar enunciados anteriores (BRANDÃO, 2013). A paródia, como entendemos, é uma imitação, que replica as características exteriores de um fenômeno, negando ou ocultando seu sentido interior (PROPP, 1992). Em termos linguísticos, podemos dizer que a paródia é um *efeito metalinguístico*, pois ao reformular um texto fonte, subverte-o: o discurso do texto parodiado contrapõe-se diretamente, pela imitação, ao discurso do texto original, antagonizando-o (SANT’ANNA, 2003). Entendemos que as produções discursivas (as desnotícias incluídas) são elaboradas no chamado *primado do interdiscurso* (MAINGUENEAU, 2005), que postula que nenhum discurso tem sua identidade fechada em si, mas, ao contrário, que sua especificidade coincide com a definição de suas relações com seu Outro, sempre em relações de troca, não de encerramento. A paródia, como elemento “contra-discursivo” (SANT’ANNA, 2003) é, portanto, um processo interdiscursivo *por excelência*.

Partindo do pressuposto de que o humor se caracteriza como um *campo discursivo* (POSSENTI, 2010), i.e., um espaço heterogêneo determinado no *universo discursivo* que possui formações discursivas e discursos que seguem regras e delimitações próprias e similares (MAINGUENEAU, 2005), nosso trabalho neste texto se voltará para compreender qual é esse Outro (discurso, gênero ou campo discursivo) da desnotícia, e em qual campo discursivo ela se constitui. Para tal, exploraremos o conceito elaborado por Maingueneau (2000, 2006, 2014) de *cena de enunciação*, e sua tripla divisão, entre *cena englobante*, *cena genérica* e *cenografia*.

A CENA ENUNCIATIVA E A NOTÍCIA

Fugindo das concepções sociológica e estritamente linguística de situação de comunicação e enunciação, respectivamente, Maingueneau (2000) propõe que a enunciação seja apreendida como uma *cena*. Diz ele que o “texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é **encenada**” (MAINGUENEAU, 2000, p. 85, grifo do autor); isto é, uma produção textual se define pelas marcas linguísticas internas e mostradas, no sentido pragmático, que delegam papéis aos referenciais e dêiticos da enunciação. Tal cena se apresenta em três partes distintas, que determinam os papéis dos enunciadores e enunciatários e como estes serão interpelados; são elas a *cena englobante*, *cena genérica*, que juntas formam o *quadro cênico*, e a *cenografia*.

Maingueneau (2000) argumenta que a *cena englobante* corresponde ao tipo de discurso enunciado, determinado temporalmente pela inscrição dos sujeitos na história. Isto é, quando enunciamos, nos situamos em um tipo de discurso específico para que sejamos interpretados, como o filosófico, político, humorístico, jornalístico, publicitário etc., dadas as possibilidades da sociedade a qual se enuncia. No entanto, diz o autor que a *cena englobante* não é suficiente, pois “um coenunciador não está tratando com o político ou com o filosófico em geral, mas sim com *gêneros de discurso* particulares” (MAINGUENEAU, 2000, p. 86, grifo do autor). Para Maingueneau (2014), nossa *personalidade* é um tecido de múltiplos “papéis”, atribuídos a nós pela enunciação, i.e., “encontramo-nos sempre confrontados com o paradoxo de uma teatralidade da qual não podemos sair” (2014, p. 118). Para tais papéis, recorre-se à *cena genérica*, correspondente a cada gênero discursivo, que define para si – e, por conseguinte, para os coenunciadores – seus próprios papéis. Essas duas cenas formam conjuntamente o *quadro cênico*, que é ao mesmo tempo *quadro* e *processo*: “o espaço bem delimitado no qual são representadas as peças [...], e as sequências das ações, verbais e não verbais que habitam esse espaço” (MAINGUENEAU, 2014, p. 117).

No entanto, quando interpelados por um enunciado, não nos confrontamos com seu quadro cênico diretamente, mas sim com a *cenografia* que o envolve (MAINGUENEAU, 2006). Cenografia, deste modo, é a encenação efetiva pela qual a enunciação se apresenta; é o desenrolar da enunciação que legitima e é legitimado pelo discurso. Ela pressupõe um *enlaçamento paradoxal*; nas palavras de Maingueneau:

a noção de “cenografia” adiciona ao caráter teatral de “cena” a dimensão da *grafia*. Essa “-grafia” não remete a uma oposição empírica entre suporte oral e suporte gráfico, mas a um processo fundador, à inscrição legitimadora de um texto, em sua dupla relação com a memória de uma enunciação que se situa na filiação de outras enunciações e que reivindica um certo tipo de reemprego. A *grafia* é aqui tanto quadro como processo; logo, a cenografia está tanto montante

como a jusante da obra: é a cena de fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado e que em troca ele precisa validar através de sua própria enunciação. A situação no interior da qual a obra é enunciada não é um quadro preestabelecido e fixo; ela está tanto a montante como a jusante da obra porque deve ser validada pelo próprio enunciado que permite manifestar. Aquilo que o texto diz pressupõe uma cena de fala determinada que ele precisa validar mediante sua própria enunciação (MAINGUENEAU, 2006, p. 253, grifos do autor).

É por meio da “armadilha” pela qual a cenografia aprisiona o leitor, colocando em segundo plano o quadro cênico constituinte da enunciação, que se legitimam a enunciação, o enunciador e o coenunciador (MAINGUENEAU, 2006): “todo discurso, por sua manifestação mesma, pretende convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima” (MAINGUENEAU, 2000, p. 87).

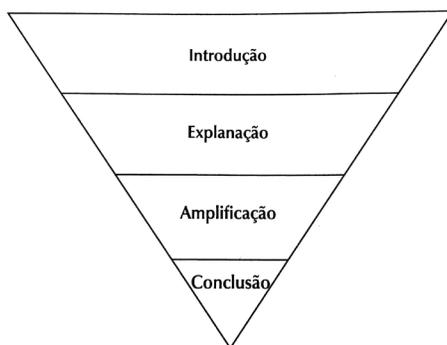
Para compreender a *cena enunciativa* da desnotícia, i.e., como ela se utiliza, através da paródia, dos elementos da notícia para construir, atribuir papéis e legitimá-la, é necessário, primeiro, entender como são produzidas as notícias. Para compreensão da produção jornalística, nos basearemos em um manual, por assim dizer, introdutório ao jornalismo; mesmo sendo um texto de introdução, aqui cumpre a função para o qual é necessitado. Dos diversos tipos de textos – que podemos entender como gêneros de discurso – que Rudin e Ibbotson (2008) propõem em seu livro, é a *hard news*, ou notícia factual, que mais nos interessa, pois trata, como o próprio nome diz, do relato de *acontecimentos*, e são o tipo mais tradicional de jornalismo.

Segundo os autores, são diversas as fontes das notícias factuais, entre eles “a maioria dos acontecimentos diários, como fatos políticos, reuniões de conselho, julgamentos e eventos comunitários [...] acidentes, crimes e emergências” (2008, p. 51-52). Em outras palavras, acontecimentos³ que envolvem pessoas e locais públicos e que dizem respeito à vida pública. Um caráter importante apontado por eles é que as *notícias são sobre pessoas*, e que “o ângulo humano costuma ser a melhor maneira de introduzi-las” (2008, p. 52). Isto é, ao tratar de um acidente, crime, fato político, ou qualquer outro dos temas possíveis, dá-se destaque primeiro às pessoas que participaram dos eventos, pois são elas o principal enfoque.

No que tange à estrutura da notícia, ela possui uma composição formal bastante tradicional e cristalizada, que, segundo os autores, é comumente conhecida como “pirâmide invertida” (cf. fig. 1). Seguindo um “padrão lógico e fluente” (RUDIN; IBBOTSON, 2008, p. 53), a notícia vai das informações mais importantes – tradicionalmente respondendo a seis perguntas clássicas (quem, o que, onde, quando,

3 Optamos por manter o termo acontecimento, mesmo que conflituoso em termos conceituais, pois é assim que foi tratado pelo manual de jornalismo.

por que e como) – as menos importantes, ou mais gerais, conforme as considerações de quem a produziu. Seriam, dessa forma, quatro os segmentos da pirâmide invertida: a base, no “topo”, seria a *introdução*, que tentaria dar conta das seis perguntas (caso todas sejam necessárias), resumindo os principais pontos da matéria; segue à introdução a *explanação*, que continua a introdução, detalhando-a e descrevendo as circunstâncias do acontecimento; em terceiro lugar encontra-se a *amplificação*, que contempla informações mais abrangentes, como elaboração dos pontos fornecidos anteriormente, ou relatos e citações; por fim, a *conclusão*, que dá um desfecho para a matéria. Em um esquema, a pirâmide invertida pode ser composta assim (RUDIN e IBBOTSON, 2008, p. 53):



(Fig. 1)

Segundo Silveira e Carmelino (2013), é possível organizar a pirâmide invertida também pelos seguintes elementos: o **título**, ou *headline* da notícia; o **lead** (ou *lide*, em português), contendo o resumo da notícia; os trechos restantes são chamados de **parágrafos satélites**. Assim, a introdução corresponderia ao título e ao lide, e a ampliação e conclusão seriam os parágrafos satélites. Observemos, agora, uma notícia completa, para ilustrar a teoria da pirâmide invertida. Em colchetes colocamos as devidas designações:

(1) Alvo de racismo na Espanha, Daniel Alves come banana jogada por torcedor [título/introdução]

O lateral baiano do Barcelona viu novamente bananas serem jogadas da arquibancada em sua direção; respondeu à demonstração de racismo de forma inusitada: comendo a fruta [lead/introdução]

27/04/2014 às 18:54 - Atualizado em 28/04/2014 às 10:07 [dados característicos das notícias online]

Daniel Alves lateral do Barcelona e da seleção brasileira, come banana atirada por torcedores do Villarreal em partida válida pelo Campeonato Espanhol (Reprodução/VEJA) **[legenda da imagem]**

O lateral baiano Daniel Alves, do Barcelona, participou de duas jogadas que garantiram a vitória do time contra o Villarreal neste domingo, pelo Campeonato Espanhol. Porém, o bom desempenho foi acompanhado de ofensas por parte da torcida adversária, que jogou bananas em direção ao jogador. Alves, em vez de mostrar descontentamento, respondeu ao insulto de maneira inusitada: ao se preparar para cobrar um escanteio, o jogador se abaixou, pegou uma das bananas e comeu. Em seguida, fez a cobrança e continuou jogando como se nada tivesse acontecido. Neste domingo, o Barcelona ganhou de 3 a 2 sobre o Villarreal. **[parágrafo satélite/amplificação]**

Após o jogo, Daniel Alves comentou a recorrente provocação racista: “Estou na Espanha há 11 anos e há 11 anos é dessa maneira. Temos de rir dessa gente atrasada”. No fim de março, torcedores do clube catalão Espanyol emitiram sons imitando macacos e jogaram uma casca de banana no campo, como forma de desestabilizar os jogadores brasileiros Neymar e Daniel Alves. A investida desleal também não surtiu efeito: a partida foi vencida pelo Barça no estádio do time adversário. **[parágrafo satélite/conclusão]**

“Infelizmente é uma guerra perdida até que se tomem medidas mais drásticas”, afirmou Daniel Alves no ano passado sobre atitudes racistas de torcedores na Europa.

[parágrafo satélite/conclusão]

Podemos observar que a notícia segue a relação estabelecida pela pirâmide “título/lead/parágrafos satélites”, mantendo o continuum de relevância. O enfoque “pessoal” também pode estar presente: no título, por exemplo, o sujeito da oração, seu enfoque, é precisamente o jogador sobre quem versa a notícia; o lead, logo em seguida, também dá enfoque ao ato promovido pelo jogador. É apenas nos parágrafos satélites que as outras circunstâncias do acontecimento são exploradas: no primeiro parágrafo, são dadas as circunstâncias do acontecimento; no segundo, o que ocorreu logo em seguida. E, por fim, como também era “esperado”, no último parágrafo dá-se o desfecho da notícia com a citação de uma fala do jogador. No que tange à modalidade linguística, é notável o uso de uma linguagem que produz efeito de sentido de objetividade e clareza, e a ausência (aparente) de personalidade nos textos, critérios que Rudin e Ibbotson (2008) também elencaram para a produção de uma “boa notícia”. Cabe também ressaltar a presença dos dados das notícias *online*, que registram sua data e horário de publicação (e alteração, caso haja), bem como a legenda – e a presença – da imagem ilustrando a notícia.

A CENOGRAFIA E A DESNOTÍCIA

No que tange às desnotícias, dissemos serem elas paródias do gênero discursivo notícia, ou seja, imitam-no para subvertê-lo. Como era esperado, são muitas as semelhanças estruturais entre ambos os gêneros, mantendo-se a estrutura piramidal invertida, e o enfoque nas personagens (pessoas) envolvidas. No entanto, algumas diferenças sintomáticas são percebidas. Vejamos um exemplo, que é parte de nosso *corpus*:

(2) Daniel Alves joga coxinha para a arquibancada [título]

12/06/2014 18:54 | Categoria: Copa do Mundo [dados característicos das *desnotícias*]

Luciana Gimenez garantiu que Mick Jagger não virá para o Brasil [legenda da imagem]

ARENA CORINTHIANS – O lateral Daniel Alves agiu como um verdadeiro herói na luta contra a elitização do futebol. Numa explosão de espontaneidade, atirou uma coxinha na arquibancada. “Haaaaaaaaja requeijão, amigo”, berrou Galvão Bueno. [lead]

A atitude foi elogiada por todos os comentaristas da TV Globo. “É uma maravilha reunir todo esse PIB na arquibancada”, destacou Ronaldo. [parágrafo satélite]

Em poucos minutos, Luciano Huck começou a vender camisetas com seu próprio rosto estampado. [parágrafo satélite]

Há, como na notícia, um relato de um evento. No entanto, como característica distintiva, a narração da desnotícia dá-se por subversões, pelo relato do que podemos chamar de um “evento-paródia”, retomando, de maneira incomum ou inesperada, a memória discursiva sobre o acontecimento original. São produzidos, dessa forma, os enunciados humorísticos característicos das desnotícias por meio de inversões, transformações, condensações e alusões a diferentes elementos, correlatos direta ou indiretamente ao acontecimento base. Observemos a inversão do ato original: Daniel Alves não é mais quem come uma banana, fruto de um ato racista, mas quem joga uma coxinha para a torcida. A afronta é invertida e associada à palavra “coxinha” e sua polissemia – por um lado, coxinha como o salgado tipicamente brasileiro; por outro, coxinha como sinônimo de “mauricinho”, como o sujeito da elite (tipicamente atribuído a paulistanos), conservador, uma antítese do povo –, constituindo-se, portanto, como um ato heroico “na luta contra a elitização do futebol”.

A continuação do evento-paródia retoma outras personagens – pessoas “públicas” – presentes na memória que circunda o evento original. Galvão Bueno, tradicional narrador

e comentarista de jogos de futebol, é aludido por sua suposta citação, na qual narra o ato de Daniel Alves com uma frase não usual ou, de certa forma, absurda. Ronaldo é inserido elogiando, não Daniel Alves, mas a própria elitização do futebol a que este jogador se fez contrário; alude-se, portanto, a posição polêmica do jogador “fenômeno” durante a copa, que, em uma defesa dos gastos públicos em um evento privado, disse, entre outras coisas, que “não se faz copa do mundo com hospitais (públicos)”⁴ (sic). E, finalmente, há a referência a Luciano Hulk, tipicamente associado à qualidade de coxinha: aproveitando-se da campanha virtual em resposta ao acontecimento original, Hulk lançou uma linha de camisetas estampadas com uma banana e o slogan da campanha virtual (“somos todos macacos”). O oportunismo, de certa forma, de Luciano Hulk é retrabalhado em conjunto com sua caracterização de coxinha, tornando-se, ele mesmo, a estampa de linhas de camisetas lançadas após o evento-paródia.

Formalmente, a desnotícia acima segue o mesmo caminho da notícia analisada: o título enfoca Daniel Alves e sua (suposta) ação, que é melhor explicada pelo *lead*, respondendo a algumas das seis questões principais destacadas acima. Os dois parágrafos satélites posteriores indicam (supostas) consequências e dão um desfecho para o relato. Como estrutura, vemos poucas diferenças: há, ao contrário do que sugerem Rudin e Ibbotson (2008), uma citação no primeiro parágrafo (*lead*), algo que deveria aparecer apenas na amplificação e conclusão de uma notícia; a legenda (e a imagem), diferente do que se vê no gênero fonte, não corresponde diretamente ao ocorrido; e por fim, a linguagem, na notícia destacada, era bastante objetiva e evitava qualificações das personagens envolvidas, o que não é seguido a risca na desnotícia, que logo em seu primeiro parágrafo (*lead*), qualifica o jogador como “um verdadeiro herói na luta contra a elitização do futebol” – fato que claramente ilustra opinião do autor em seu texto –, mas ainda assim mantém certa objetividade característica.

A questão da modalidade linguística, no entanto, no estudo da cenografia jornalística, é um ponto importante. Segundo Carneiro (2014), em seu artigo sobre a legitimação enunciativa dos textos jornalísticos, os textos noticiosos se propõem a relatar os acontecimentos a fim de produzir um sentido de imparcialidade, de uma objetividade do real. O enunciador, portanto, cenograficamente, se apresenta como figura “neutralizada”. Em poucas palavras, por conta do contrato genérico da notícia (sua *cena genérica*), que preconiza a imparcialidade, sua *cenografia* busca legitimar esse efeito pelo apagamento da figura do enunciador. O uso do discurso direto, como a citação, por exemplo, tem

4 <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2013/06/1297590-ronaldo-usa-web-e-se-defende-da-afirmacao-de-que-nao-se-faz-copa-com-hospital.shtml>. Acesso em 21/01/2015, às 21:57.

função central essa encenação, pois delegam aos personagens parte da narrativa a ser escrita.

Quando pensamos em termos de *cena genérica*, dos papéis atribuídos aos interlocutores pelo gênero de discurso, ambos os gêneros se comportam, *em aparência*, de forma semelhante: o enunciador é o redator que relata um acontecimento ao seu leitor, tentando convencê-lo da factualidade de seu relato. Ambas, a cena genérica da notícia e da desnotícia, possuem uma relação com a “verdade”: seja por assumem o real, seja porque *fingem* assumir.

O interessante é que, mesmo que as notícias não possam ser discursivamente neutras, como argumentam as teorias discursivas, o próprio apagamento em favor da objetividade ainda assim se filia à tese da transformação do *acontecimento* em *fato*, ao anseio de uma interpretação “objetiva” e única para um evento *real* – é a isso que se presta a cenografia da notícia. Encontramos nesse propósito a divergência mais evidente com a desnotícia: por mais que esta siga a mesma estrutura piramidal, seus enunciados são sempre *irreais*; não há, nas desnotícias, o *desejo* de veicular informações que realmente ocorreram: os acontecimentos, neste caso, são também parodiados – são aludidos pela criação de um “*acontecimento-paródia*”. Fato verificável no exemplo de desnotícia destacado. Enquanto, na notícia, discute-se uma *banana* que foi *jogada pela torcida para o jogador Daniel Alves*, na desnotícia, o acontecimento é (parodiado e transformado em) mentira: Daniel Alves quem, agora, *arremessa uma coxinha para a torcida*.

Ou seja, enquanto a cenografia da notícia busca legitimar a interpretação do jornalista de um acontecimento (real), i.e., legitimar a imparcialidade e objetividade pressuposta pela cena genérica (e cena englobante) jornalística, o mesmo não ocorre na desnotícia. A vontade da factualidade da notícia é expressa por meio de sua cena genérica e legitimada pela cenografia; na desnotícia, a vontade da factualidade é apenas uma *aparência*, uma *encenação*, articulada para legitimar, e dar graça, à enunciação de uma mentira – constitui-se, portanto, como sua *cenografia*. Esta quem possibilita que o leitor reconheça no texto seu teor humorístico, e não apenas enunciados irreais e absurdos.

O que observamos, no que tange às desnotícias, é precisamente a recorrência cenográfica a uma situação de enunciação já legitimada: da notícia, gênero discursivo jornalístico tradicional em nossa sociedade, difundidos nos mais diversos grupos sociais. A cena englobante da desnotícia é do discurso humorístico, que busca, em contrapartida à notícia, não relatar um acontecimento “real”, mas sim uma mentira, que, através do uso metalinguístico da paródia, articula sua cenografia à cena enunciativa da notícia. A graça, portanto, dos enunciados das desnotícias está no “teste de inteligência” que elas impõem ao coenunciador, colocando à prova o “desempenho” de sua leitura e de sua percepção de

que aquele enunciado, que aparenta certa vontade de factualidade, em realidade apenas o encena para criar o efeito humorístico.

Para sintetizar a análise da cena da enunciação que propomos para a desnotícia, observemos um último texto, outra desnotícia que faz parte de nosso corpus:

(3) **Black Blocs anunciam lista e convocados para a Copa [título]**

15/05/2014 15:00 | Categoria: Copa do Mundo [**dados característicos das desnotícias**]

A escalção começou pacífica, mas terminou em vandalismo [**legenda**]

AVENIDA PAULISTA - Centenas de vândalos atrapalharam o trânsito nesta manhã em São Paulo para anunciar a lista de Black Blocs convocados para a Copa. “Apostamos na força do nosso grupo e esperamos fazer uma boa campanha, com muita humildade, sempre respeitando os adversários”, explicou um mascarado. [**parágrafo satélite**]

Eis o time titular: Emerson Leão, Junior Baiano, Marcio Nunes, Felipe Melo, Djalminha, Neto, Paulo Cesar Caju, Serginho Chulapa, Kleber Gladiador, Edmundo e Romário. “Somos Black Blocs / isso não tem nada a ver / preste atenção nesse rap / que você vai aprender”, cantou a dupla de atacantes. [**parágrafo satélite**]

Na primeira fase, o time enfrentará a temida seleção dos blogueiros liberais. Quem vencer a disputa passará para a fase do mata-mata. [**parágrafo satélite**]

O evento – ou mentira – que motiva o relato é o anúncio da lista de convocação feita pelos *Black Blocs*⁵ para os eventos da Copa. A *cena englobante*, por se tratar de uma desnotícia, é o discurso humorístico, e os papéis atribuídos pela *cena genérica* são a de um enunciador redator humorista e de um coenunciador leitor de uma paródia jornalística. Organizando-se segundo a estrutura da notícia – título, lead e parágrafos satélites, com a presença da legenda e dos dados característicos das publicações jornalísticas online –, a *cenografia* legitima-se através da cena enunciativa da notícia, já validada discursivamente. Assim, a convocação (falsa) “dos vândalos black blocks” para as manifestações da Copa encena-se como uma vontade de factualidade, estipulando o teste de inteligência para o leitor. Este deve compreender esse jogo cênico, se tornando capaz de atribuir valor cômico às alusões trabalhadas no texto: a relação da convocação de um time de “vândalos” com a de uma seleção de futebol; a relação com as manifestações populares contra a Copa do Mundo, em 2014, e seu caráter conflituoso, devido aos enfrentamentos dos “black blocs” com a polícia; a ironia da citação do primeiro parágrafo, tendo em vista estes mesmos

⁵ Tática de proteção anarquista para manifestações públicas, que ganhou caráter de grupo organizado, no Brasil, principalmente a partir das manifestações populares de Junho de 2013.

conflitos e uma promessa de paz enunciada; entre outras referências. Em outras palavras, o leitor deve compreender o jogo cênico elaborado pela cenografia para poder se deparar com o quadro cênico desta cena de enunciação, podendo assumir o papel, portanto, que a cena genérica lhe estipula, e interpretar a graça dos enunciados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa perspectiva, fica evidente que, mesmo que a desnotícia deva muito de sua estrutura e enunciação ao campo discursivo jornalístico e ao gênero da notícia, o “propósito”, por assim dizer, de seus enunciados não é *informativo* ou *opinativo*; enunciando um discurso humorístico, filiando-se, portanto, ao campo discurso do humor, as desnotícias têm como propósito o riso, produzido pela paródia, pela mentira e pela encenação de uma verdade. Assim, as desnotícias, mesmo que, por recorrerem a acontecimentos reais – direta ou indiretamente –, possam estimular o leitor a procurar informações sobre este acontecimento, ou até mesmo “informar”, em certa medida, seu leitor, este não é, em absoluto, seu intuito discursivo.

BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO, H. (2013) Introdução à análise do discurso, Editora da Unicamp, SP.
- CARMELINO, A. C; SILVEIRA, K. (2013) Desnotícia: as escolhas lexicais na construção do efeito de sentido humorístico, *Calidoscópio*, Vol. 11, n. 3, p. 250-258, ES.
- CARNEIRO, M. (2004) Cenografia e *Ethos*: Legitimação enunciativa em uma notícia jornalística. *Alfa*, Vol. 48, n. 2, p. 107-116, SP.
- FIGUEIRA, F. (2014). O Conhecimento Prévio (ou Memória) nas construções cômicas das desnotícias do blog The Piauí Herald. *Língua, Literatura e Ensino*, Vol. 9, p.101-112.
- GERSON, D (2014). Afinal, o que é pseudonotícia? Um estudo sobre o The i-Piauí Herald, o Sensacionalista e o Laranjas News. 2014, 130 f. Diss. (Mestrado em Comunicação Social). Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, RS.
- MAINGUENEAU, D. (2000) *Análise de textos de comunicação*, Editora Cortez: SP.
- _____. (2005) *Gênese dos Discursos*, Criar Edições: PR.
- _____. (2006) *Discurso literário*, Editora Contexto: SP.
- _____. (2014) *Discuso e Análise do Discurso*, Parábola Editorial: SP.
- PIAÚÍ HERALD, THE (2014) Black Blocs anunciam lista de convocados para a Copa. Disponível em: <http://revistapiaui.estadao.com.br/blogs/herald/copa-do-mundo/black-blocs-anunciam-lista-de-convocados-para-a-copa>. Acesso em: 30/08/2014.
- _____. (2014) Daniel Alves joga coxinha para a arquibancada. Disponível em: <http://revistapiaui.estadao>.

com.br/blogs/herald/copa-do-mundo/daniel-alves-joga-coxinha-para-a-arquibancada. Acesso em: 30/08/2014.

PROPP, V. (1992) Comicidade e riso, Editora Ática, SP.

RUDIN, R. e IBBOTSON, T. (2008) Introdução ao Jornalismo: Técnicas Essenciais e Conhecimentos Básicos, Editora Roca LTDA, RJ.

SANT'ANNA, A. R. PARÓDIA, PARÁFRASE & CIA (2003), Ed. Ática, SP.

SALIBA, E. Raízes do Riso (2002), Editora Schwarcz, SP.

SILVEIRA, K. (2013) Desnotícia sobre o Acre: A construção do humor e de identidades sociais, 142 f. Diss. (Mestrado em Linguística). Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, ES.

VEJA, ESPORTE (2014). Alvo de racismo na Espanha, Daniel Alves come banana jogada por torcedor. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/alvo-de-racismo-na-espanha-daniel-alves-come-banana-jogada-por-torcedor/>. Acesso em: 20/10/2015.